

Prefácio

Elieuzza Aparecida de Lima

Como citar: LIMA, E. A. Prefácio. *In*: BOMFIM, J. C. **O papel do brincar na apropriação da linguagem escrita**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 13-18 DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-193-5.p13-18>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Tenho o privilégio de não saber quase tudo.

E isso explica o resto.

(BARROS, 2013, p. 429)

É um privilégio tomar posse de conhecimentos expressivos de estudos e poética pessoal condensados na obra de autoria da querida estudiosa Juliana Cristina Bomfim. É, por isso, também, um privilégio “não saber quase tudo” e nos abirmos aos diálogos com a autora por meio do livro por ela intitulado “*O papel do brincar na apropriação da linguagem escrita*”.

Afetada pela beleza dos escritos de Barros (2013), é uma alegria apresentar, neste prefácio, palavras iniciais que antecedem a riqueza da composição textual, como singelo convite aos leitores e leitoras: aproximem-se de um conteúdo científico potente abrigado nas páginas da obra e desenhado para o acesso e à apropriação de professores e educadores dedicados à Educação Infantil. Especialmente, cada página do livro compõe um cenário de argumentações essenciais às reflexões contínuas sobre o lugar da brincadeira na Educação Infantil, seu valor para a humanização na infância e as implicações dessa atividade para a apropriação da linguagem escrita.

O convite feito pela estudiosa se renova a cada página para que cada um de nós aguce o olhar e a escuta com todos os nossos sentidos, considerando pautas e debates em torno de direitos infantis – <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-193-5.p13-18>

fundamentais e inegociáveis –, particularmente o direito à brincadeira e à vivência da linguagem escrita em sua complexidade (VYGOTSKI, 1995).

Na obra, a brincadeira se fortalece como objeto de estudos e como guia para movimentos essenciais nos processos vitais à constituição da inteligência e da personalidade na infância, configurando bases fundamentais à aprendizagem da linguagem escrita em sua vivacidade. Com essa compreensão, o texto busca regar jardins além das fronteiras acadêmicas, socializando resultados de estudos, escolhas teóricas e metodológicas, desafios do caminhar e das travessias vividas pela autora em curso de pós-graduação.

Trata-se de uma composição textual potencializadora de debates necessários em torno do papel social da escola dedicada à criança pequena – particularmente aquela em idade pré-escolar, dos lugares de seus agentes intelectuais (equipe, professoras e professores e outros profissionais atuantes no ambiente escolar) e da criança no ambiente educativo. No seio das discussões firmam-se avanços científicos e políticos sobre o valor desse ambiente escolar como espaço potencialmente organizado para fomentar condições necessárias e favoráveis à constituição humana – de adultos e crianças – em sua inteireza e plenitude.

No poema destacado anteriormente, Barros (2013) confirma nosso inacabamento e incompletude, conduzindo-nos a refletir sobre os desafios e projeções para a apropriação de conhecimentos científicos por meio de leituras e estudos sobre a infância e sua educação. O poeta e a autora provocam-nos a compreender a escola contemporânea como espaço de encontros, descobertas, envolvimento, escuta, abertura, vivências e possibilidades. Motivam-nos a repensar esse espaço para a efetividade do processo de formação cultural das jovens gerações, tornando-se palco conscientemente planejado para que meninos e meninas componham suas

próprias histórias e tenham condições reais e substanciais para revoluções essenciais em seus corpos e mentes por meio da educação escolar (VIGOTSKI, 2010).

O teor do livro convoca-nos, assim, a revisitar certezas e ideias do senso comum, considerando questões e tensões sociais, econômicas, políticas, sanitárias da atualidade e perspectivando o compromisso ético, político e social de atuarmos na direção da formação de inteligências e personalidades harmônicas desde o começo da vida. Esse processo educativo tem caráter revolucionário e emancipatório – ainda que tenhamos consciência das forças contrárias e alienadoras fortalecidas por uma sociedade capitalista como a nossa – porque se refaz a cada dia para fortalecer condições concretas e efetivas à formação plena de crianças e dos profissionais que as educam.

É nesse cenário de possibilidades para o diálogo que o livro se torna fonte de conhecimentos essenciais à compreensão do processo de humanização na infância, focando-se na brincadeira como atividade intencionalmente projetada e organizada para a relação da criança com o mundo circundante, a partir da tessitura de espaços, materiais, tempos e situações para brincar, aprender e se desenvolver. Conjuntamente, estão evidenciadas questões e pautas sobre a brincadeira como atividade por meio da qual a criança desenvolve a função simbólica, formas sofisticadas de pensamento e memória, a atenção voluntária, o controle da conduta (VYGOTSKI, 1995), considerando-os fundamentais para a composição de um sistema psicológico basilar a outras aprendizagens em outros momentos da vida, o que envolve a atividade de estudo na idade escolar.

Nesse exercício de discussões proposto no livro, a brincadeira se torna atividade mobilizadora do desenvolvimento de capacidades humanas em níveis superiores, e a escola é configurada para garantia de direitos

fundamentais da criança brasileira, como acenam Campos e Rosemberg (2009) no documento *Critérios para um atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais da criança*, dentre os quais o direito à brincadeira, à expressão de pensamentos e sentimentos, à imaginação e à criação. Essa garantia envolve, assim, conceber e tratar a linguagem escrita como forma sofisticada de expressão.

Como direito e “coisa séria”, a brincadeira se constitui processo vital para apropriações de marcas do humano na infância, tornando-se atividade orientadora da relação da criança com o mundo, conforme já explicitado: tudo isso enquanto ela vive a infância e é criança. Com essa defesa, a estudiosa argumenta sobre a necessária compreensão da Educação Infantil como espaço-tempo para que a brincadeira seja atividade guia de revoluções nos processos mentais e da personalidade da criança, constituindo bases essenciais para a apropriação da escrita. Em acréscimo, as reflexões abarcam a escrita como instrumento cultural da humanidade criado historicamente para a expressão, comunicação, registro de ideias e sentimentos, exigindo o entendimento de sua funcionalidade social.

À luz de princípios da Teoria Histórico-Cultural, a pesquisadora questiona projetos educacionais em que a brincadeira cede lugar a fragmentos e rudimentos da escrita, privilegiando exercícios motores e desconsiderando direitos e necessidades infantis. Com rigor e profundidade, desafia-nos a repensar condições favoráveis para estudos e reflexões sobre o papel da educação escolar na infância, evidenciando a atividade do professor e da criança pequena.

Como discutido ao longo dos três capítulos componentes da obra, nossa humanidade é resultado de diferentes atividades humanas, nas quais capacidades psíquicas sejam necessárias, mobilizadas ao uso e façam sentido para quem delas se apropria. Particularmente essas capacidades

tipicamente culturais entram em movimento no seio de práticas pedagógicas dirigidas à humanização de adultos e crianças.

Na lógica dessa constituição textual, a Juliana Cristina Bomfim considera a atividade docente como mediadora de encontros e situações educativas intencionalmente planejadas, vividas e avaliadas para que as crianças se apropriem de bens culturais, que se fortalecem como bases fundamentais para a constituição de qualidades humanas inerentes à formação da inteligência e personalidade desde o começo da vida. Esse processo educativo inclui a brincadeira e seu papel único e especial para a criação de condições fundamentais à apropriação da linguagem escrita, como defende a autora.

Tal como o poeta nos provocou no início deste texto, porque não sabemos quase tudo, fica o convite para a apropriação de conhecimentos científicos retratados ao longo das folhas que se seguem...

Elieuzza Aparecida de Lima

Em meados de outubro, dias coloridos da primavera...

Marília, SP.

Referências

BARROS, Manuel de. **Poesia Completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. **Psicologia USP**, São Paulo, v.21, n.4, p. 681-701, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42022>. Acesso em: 06 abr. 2021.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. Problemas del desarrollo de la psique. **Obras Escogidas**, Vol. III. Madrid: Visor, 1995.